

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC – UFABC

DENIZE NUNES LEITE BARREIRO

**AUSÊNCIA DE VIDA CONTEMPLATIVA NA SOCIEDADE DE DESEMPENHO DO
SÉCULO XXI: Byung-Chul Han e Friedrich Nietzsche como base para compreender
a relevância do elemento contemplativo da vida**

São Bernardo do Campo/SP

2023

DENIZE NUNES LEITE BARREIRO

**AUSÊNCIA DE VIDA CONTEMPLATIVA NA SOCIEDADE DE DESEMPENHO DO
SÉCULO XXI: Byung-Chul Han e Friedrich Nietzsche como base para compreender
a relevância do elemento contemplativo da vida**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) para
obtenção do grau de Bacharela em Filosofia pela
Universidade Federal do ABC.

Orientação: Prof. Dr. Fernando Costa Mattos

São Bernardo do Campo/SP

2023

*“Ninguém pode construir em teu lugar as pontes que
precisarás para atravessar o rio da vida –
ninguém, exceto tu, só tu.”*

Friedrich Nietzsche
(<https://www.pensador.com/frase/NjMwMDI3/>)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade, aos meus professores, especialmente ao meu orientador, Prof. Dr. Fernando Costa Mattos, pela paciência, incentivo e apoio durante o processo de realização deste trabalho.

À minha família, em especial aos meus pais José Reis e Maria, pelo apoio incondicional e por acreditarem em minhas escolhas.

Agradeço também ao meu marido Artur, pelo amor e companheirismo em todos os momentos.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

RESUMO

Trata-se de uma pesquisa acerca da importância da reflexão sobre a sociedade de desempenho proposta pelo filósofo sul-coreano Byung-Chul Han, que discute a nossa realidade no século XXI. Essa reflexão remete ao que já dizia o filósofo alemão Friedrich Nietzsche, que alertava para a necessidade de valorizar a vida contemplativa, em contraposição à aceleração das atividades humanas ao longo da história. O objetivo geral a ser alcançado é, por meio da leitura desses autores, sugerir a relevância da vida contemplativa em meio à sociedade de desempenho, que despreza a condição humana e valoriza prioritariamente a cultura voltada para o trabalho. O objetivo específico é refletir sobre a forma de vida do ser humano na atualidade, a fim de valorizar sua interioridade, intuição e a capacidade de autorreflexão e de contemplação em detrimento das pressões externas realizadas pelo mundo, pela tecnologia, pela influência de redes sociais e pelo próprio homem.

Palavras-chave: Byung-Chul Han. Filosofia. Modernidade. Nietzsche. Sociedade de desempenho. Vida contemplativa.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 O INDIVÍDUO NA SOCIEDADE DE DESEMPENHO SEGUNDO BYUNG-CHUL HAN	8
3 O INDIVÍDUO INTUITIVO SEGUNDO FRIEDRICH NIETZSCHE	14
4 HAN E A POSSIBILIDADE DE VIDA CONTEMPLATIVA NA SOCIEDADE ATUAL	26
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	31

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda a importância do cultivo de si próprio como uma virtude humana, tomando como fonte de inspiração, de um lado, o pensamento nietzschiano no século XIX e, de outro, as reflexões recentes do filósofo sul-coreano Byung-Chul Han (1959). Entretanto, na sociedade atual, essa virtude é relegada a um segundo plano, senão descartada, por venerar-se uma vida não apenas baseada numa permanente cobrança de desempenho, como também disfarçada sob o manto de um discurso pretensamente motivacional e inexorável.

Partimos da reflexão trazida pelo filósofo alemão Frederich Nietzsche (1844-1900), especialmente, em suas obras *Humano, demasiado humano*, *Aurora* e *Assim falava Zaratustra*, nas quais ele expressa de forma instigante a valorização do recolhimento contemplativo em detrimento do agir acelerado do ser humano.

De fato, percebemos que a aceleração da vida humana vem se acentuando desde Nietzsche até os nossos dias, em que o ser humano não se permite estabelecer intervalos consistentes em sua vida, porque eles são vistos negativamente pela sociedade moderna.

Na obra *Sociedade do Cansaço*, por exemplo, Byung-Chul Han procura mostrar como o mundo ocidental, à diferença do mundo oriental, está se tornando uma autêntica sociedade do cansaço, na qual prevalece uma incapacidade de resistir aos apelos da produtividade excessiva, que acaba por conduzir os indivíduos a uma hiperatividade nociva tanto à saúde mental como à saúde física.

O impacto causado no ser humano que sofre esses sintomas, muitas vezes sem percebê-lo, acreditando ser feliz e buscando essa pseudo felicidade a todo custo, se dá tanto no âmbito profissional como no pessoal.

Entretanto, como Han procura mostrar em sua obra, isso na verdade desgasta e desqualifica a essência do ser humano a cada dia que passa, levando-nos a questionar e buscar a origem e o porquê das causas que levaram a humanidade a essa condição em que os indivíduos acabam por desprezar a alteridade.

Refletimos, a partir das referências acima citadas, sobre esse ser humano praticamente objetificado que deve atingir a qualquer custo o cumprimento de metas, o suposto sucesso profissional e a aparência de felicidade.

Buscamos analisar, em face disso, quanto essa condição nos leva a uma perda de nossa própria essência, assemelhando-nos a uma máquina, que se cobra exhaustivamente a maximizar o desempenho, submetendo-se a uma autoexploração que produz uma falsa sensação de liberdade. Além disso, também abordamos brevemente a reflexão de Hannah Arendt acerca da modernidade política, que mostra o trunfo do *animal laborans* como produto da sociedade atomizada, em detrimento do indivíduo contemplativo.

2 O INDIVÍDUO NA SOCIEDADE DE DESEMPENHO SEGUNDO BYUNG-CHUL HAN

Em sua obra *A sociedade do cansaço*, Han compreende a sociedade contemporânea como aquela marcada por um excesso de positividade ao constituir um elemento gerador de um acentuado número de patologias psicológicas, além de ressaltar que cada época apresenta epidemias próprias, como as doenças bacteriológicas e virais que marcaram o século XX e que, na atualidade, está marcada por patologias neurais.

O pensador sul-coreano relata o excesso de positividade como denominador comum das epidemias ao longo do tempo, ao referir-se às chamadas mensagens positivas e às possibilidades de metas alcançáveis, como se observa na fala do ex-presidente dos Estados Unidos, Obama ao dizer, em 2008, “Yes, we can”, de modo que aludido excesso gera uma sociedade de desempenho que preza pela produtividade dos indivíduos.

É o que justamente destaca Han:

A sociedade do século XXI não é mais a sociedade disciplinar, mas uma sociedade de desempenho. Também seus habitantes não se chamam mais “sujeitos da obediência”, mas sujeitos de desempenho e produção. São empresários de si mesmos [...] No lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação. A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo não. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados. (HAN, 2017, p. 23-24).

Notamos que o poder na sociedade de desempenho transforma-se em uma espécie de dever apenas do próprio indivíduo de ter que ser sempre produtivo, autêntico e inovador, o que causa um cansaço de si mesmo, de sempre ter que se superar, culminando em um estado de autoexploração de si mesmo ante o excesso de estímulos, o que leva à perda do estado contemplativo do ser humano.

O sujeito de desempenho está livre da instância externa de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. É senhor e soberano de si mesmo. Assim, não está submisso a ninguém ou está submisso apenas a si mesmo. É nisso que ele se distingue do sujeito de obediência. A queda da instância dominadora não leva à liberdade. Ao contrário, faz com que liberdade e coação coincidam. Assim, o sujeito de desempenho se entrega à liberdade coercitiva ou à livre coerção de maximizar o desempenho. O excesso de trabalho e desempenho agudiza-se numa autoexploração. Essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos

dadas com o sentimento de liberdade. O explorador é ao mesmo tempo o explorado. Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos. Essa autorreferencialidade gera uma liberdade paradoxal que, em virtude das estruturas coercitivas que lhe são inerentes, se transforma em violência. Os adoecimentos psíquicos da sociedade de desempenho são precisamente as manifestações patológicas dessa liberdade paradoxal. (HAN, 2017, p. 29-30).

Com efeito, na modernidade, aponta Han que os indivíduos são dotados de atenção ampla, porém, trata-se de um conhecimento tido como superficial, sem que se tenha conhecimento aprofundado, o que ocorre, inclusive, ao não se alcançar o conhecimento filosófico de uma forma simplória diante da necessidade de uma atenção contemplativa, e até se permitir viver o tédio.

O autor sentiu necessidade de inferir que a intolerância por parte do indivíduo ante a possibilidade da existência de um possível tédio se dá em razão da diversidade de foco em tudo que realiza, o que podemos observar no seguinte trecho:

Essa atenção dispersa se caracteriza por uma rápida mudança de foco entre diversas atividades, fontes informativas e processos. E visto que ele tem uma tolerância bem pequena para o tédio, também não admite aquele tédio profundo que não deixa de ser importante para um processo criativo. Walter Benjamin chama a esse tédio profundo de um “pássaro onírico, que choca o ovo da experiência”. Se o sono perfaz o ponto alto do descanso físico, o tédio profundo constitui o ponto alto do descanso espiritual. Pura inquietação não gera nada de novo. Reproduz e acelera o já existente. Benjamin lamenta que esse ninho de descanso e de repouso do pássaro onírico está desaparecendo cada vez mais na modernidade. Não se “tece mais e não se fia”. (HAN, 2017, p. 33-34).

Assim, seria possível, na atualidade, viver qualquer espécie de tédio? Ainda mais o tédio profundo que defende o pensador sul-coreano, diante de tantas cobranças de produtividade e excesso de estímulos, informações e impulsos na sociedade do desempenho?

De fato, Han levanta o impacto negativo diante dessa positividade exacerbada e do excesso de estímulos tecnológicos e alcance de metas diversas em tudo, o que diverge com o que comumente se entendia pela sociedade como um aspecto positivo do homem que detinha múltiplas capacidades e competências diante dos desafios da vida e do trabalho, o que leva à fragmentação de nossa atenção.

Inclusive, desde os primórdios da filosofia na Grécia Antiga, na visão de Aristóteles, nada em falta muito menos em excesso poderia resultar em uma ação virtuosa, o que poderia levar a uma espécie de vício, é o que podemos observar da lição contida em sua obra *Ética a Nicômaco*, ao demonstrar que a virtude está justamente relacionada com o justo meio, de modo a constituir a mediana entre os vícios, seja pela falta ou pelo excesso.

Quer dizer que isso constituiria a chamada ação ética aristotélica¹ que preza por um equilíbrio, de modo a se buscar um meio-termo, tudo para se tentar ajudar o indivíduo a agir sempre que possível de uma forma mais equilibrada, a fim de buscar a felicidade plena como um autêntico bem supremo.

Com efeito, a ética das chamadas virtudes constitui uma ética aristotélica na qual a ação se destina para um bem maior que é movido por meio de uma reflexão pessoal, a ser desenvolvida pela busca da autorrealização e da felicidade² no contexto da cidade, de modo que não se confunde com o prazer³, o qual nem sempre se refere a ações bem deliberadas.

A virtude foi entendida por Aristóteles como uma disposição de caráter que se relaciona com a escolha mediana, ou seja, podemos inferir que a virtude se configura pelo agir humano mediado pela razão, sem perdermos de vista que a virtude aqui tratada se refere à da alma que consistirá em uma prática de vida constante, uma espécie de costume ou até hábito.

Todavia, isso implica uma formação a ser desenvolvida, de modo que o ser humano busca encontrar o equilíbrio entre seus extremos, em busca da *eudaimonia* aristotélica que visa a encontrar a felicidade como um fim ético, conforme já abordado. Nas palavras do pensador:

¹ Quando se trata de determinar o mais alto dos fins humanos, Aristóteles dá a impressão de hesitar nas *Éticas*, entre a vocação contemplativa e a vocação política. Na verdade, não há contradição entre os dois ideais, que realizam, ambos, a natureza do homem: o primeiro, na mais eminente de suas virtualidades, que é a vida segundo intelecto, e o outro, na totalidade de suas aptidões, que são interligadas e consumadas pela capacidade de manter relações de justiça com outrem (HUISMAN, 2001 p. 70).

² A felicidade é, portanto, algo absoluto e autossuficiente, sendo também a finalidade da ação. Mas dizer que a felicidade é o sumo bem talvez pareça uma banalidade, e ainda falta explicar mais claramente o que ela seja (ARISTÓTELES, 1987, p. 15).

³ Os prazeres são um obstáculo ao pensamento, e quanto mais o são, mais nos deleitamos neles, como, por exemplo, o prazer sexual, pois ninguém é capaz de pensar no que quer que seja quando está absorvido nele (ARISTÓTELES, 1987, p. 131).

A virtude é, pois, uma disposição de caráter relacionada com a escolha e consistente numa mediania, isto é, a mediania relativa a nós, a qual é determinada por um princípio racional próprio do homem dotado de sabedoria prática. E é um meio-termo entre dois vícios, um por excesso e outro por falta; pois que, enquanto os vícios ou vão muito longe ou ficam aquém do que é conveniente no tocante às ações e paixões, a virtude encontra e escolhe o meio-termo. E assim, no que toca à sua substância e à definição que lhe estabelece a essência, a virtude é uma mediania; com referência ao sumo bem e ao mais justo, é, porém, um extremo. (ARISTÓTELES, 1987, p. 37).

Eis a necessidade de se resgatar a ideia de que seja novamente possível vir à existência um indivíduo que seja realmente contemplativo, ou seja, que saiba dizer não ao excesso de estímulos, de modo a se tentar evitar o que Han denomina como o infarto da alma quando existe a união de todos os fatores excessivos de positividade gerados e impostos pela sociedade de desempenho.

Referido excesso de desempenho e de produtividade culmina numa espécie de cansaço e fadiga de ser e agir sempre positivamente, como se fosse humanamente possível essa hipótese existencial, o que impossibilita ao indivíduo a realização de novas atividades em sua vida, a qual se torna, por via de consequência, limitada, pelo fato de ter fugido completamente da contemplação intrínseca à vida.

E, inclusive, o filósofo sul-coreano relata que tal violência existente da sociedade atual constitui em uma espécie de violência neural, ou seja, que apresenta a característica peculiar de se controlar a subjetividade de cada indivíduo bem como a lamúria do indivíduo produtivo e explorador de si mesmo, que é levado a crer que nada é impossível.

É o que observamos da análise do seguinte excerto:

[...] A positivação do mundo faz surgir novas formas de violência. Essas não partem do outro imunológico. Ao contrário, elas são imanentes ao sistema. Precisamente em virtude de sua imanência, não evocam a defesa imunológica. Aquela violência neuronal que leva ao infarto psíquico é um terror da imanência. Esse se distingue radicalmente daquele horror que procede do estranho no sentido imunológico. A Medusa é, quiçá, o outro imunológico em sua forma extrema. Constitui uma alteridade radical, que nem sequer se pode olhar sem sucumbir. Assim, a violência neuronal, ao contrário, escapa a toda ótica imunológica, pois não tem negatividade. A violência da positividade não é privativa, mas saturante. (HAN, 2017, p. 19-20).

Com efeito, a vida excessivamente intensa extrapola a natureza humana dotada de finitude, mas por que será que vivemos em uma sociedade de cansaço, será que existe alguma alternativa, será que a vida contemplativa ainda pode existir?

De fato, o pensamento de Han desperta-nos para a análise da existência de uma dificuldade atual em se manter o foco e atenção na realização de atividades diárias, seja pelo excesso de estímulos diante da necessidade do indivíduo ser multitarefas.

O excesso de positividade se manifesta também como excesso de estímulos, informações e impulsos. Modifica radicalmente a estrutura e economia da atenção. Com isso se fragmenta e destrói a atenção. Também a crescente sobrecarga de trabalho torna necessária uma técnica específica relacionada ao tempo e à atenção, que tem efeitos novamente na estrutura da atenção. A técnica temporal e de atenção *multitasking* (multitarefa) não representa nenhum progresso civilizatório. A multitarefa não é uma capacidade para a qual só seria capaz o homem na sociedade trabalhista e de informação pós-moderna. Trata-se antes de um retrocesso. A multitarefa está amplamente disseminada entre os animais em estado selvagem. Trata-se de uma técnica de atenção, indispensável para sobreviver na vida selvagem. (HAN, 2017, p. 31-32).

Esse retrocesso causado pelo estímulo contínuo a uma vida positiva na sociedade neoliberal e capitalista que vivemos que exige que o indivíduo seja capaz de poder ter uma vida que seja de fato contemplativa mostra-se cada dia mais desafiadora e requer uma ação de autoconhecimento a fim de que tenha a clareza necessária para não ser tornar vítima de se ter uma vida produtiva apenas para a sociedade e jamais para si.

Hoje, vivemos num mundo muito pobre de interrupções, pobre de entremeios e tempos intermédios. No aforismo “A principal carência do homem ativo”, escreve Nietzsche: “Aos ativos falta usualmente a atividade superior [...] e nesse sentido eles são preguiçosos. [...] Os ativos rolam como rola a pedra, segundo a estupidez da mecânica”. Há diversos tipos de atividade. A atividade que segue a estupidez da mecânica é pobre em interrupções. A máquina não pode fazer pausas. Apesar de todo o seu desempenho computacional, o computador é burro, na medida em que lhe falta a capacidade para hesitar” (HAN, 2017, p. 53).

Assim como a vida, a filosofia, também para ser concretizada, demanda de um espírito de contemplação, de atenção e de escuta, que exige uma reflexão meditativa, não sendo algo automático como que se impõe a sociedade do cansaço que vivemos numa espécie de triunfo do positivo.

Restou evidenciada a ideia de que o pensador sul-coreano valoriza exatamente a possibilidade de termos momentos de recolhimento contemplativo, ao ressaltar a necessidade de se ter uma atenção profunda e relembra que nem mesmo Nietzsche, que substituiu o ser pela vontade, não desconsidera a mortalidade da vida humana hiperativa.

É só a atenção profunda que interliga a “instabilidade dos olhos” gerando o recolhimento, que está em condições de “delimitar as mãos errantes da natureza”. Sem esse recolhimento contemplativo, o olhar perambula inquieto de cá para lá e não traz nada a se manifestar. Mas a arte é uma “ação expressiva”. O próprio Nietzsche, que substituiu o ser pela vontade, sabe que a vida humana finda numa hiperatividade mortal se dela for expulso todo elemento contemplativo: “Por falta de repouso, nossa civilização caminha para uma nova barbárie. Em nenhuma outra época os ativos, isto é, os inquietos, valeram tanto. Assim, pertence às correções necessárias a serem tomadas quanto ao caráter da humanidade fortalecer em grande medida o elemento contemplativo.” (HAN, 2017, p. 37).

Dessa forma, podemos observar que Han aborda a questão do adoecimento do indivíduo do século XXI causado seja pelo excesso de positividade, seja pela exigência exacerbada da sociedade e por si próprio, influenciado a sempre ter que buscar a superação de si mesmo de uma forma exaustiva, tudo por desconsiderar a análise de possibilidades que a contemplação poderia lhe proporcionar, o que culmina com a perda de sua interioridade.

Em face desse diagnóstico de Han sobre a nossa época, vale a pena notar como o filósofo Friedrich Nietzsche, já no século XIX, apontava para esse adoecimento resultante do foco exclusivo na vida prática, no trabalho repetitivo e exaustivo em detrimento da vida contemplativa, que era tão valorizada em outras épocas. Assim, dedicamos nosso próximo capítulo a uma breve análise de algumas passagens da obra nietzschiana, procurando verificar em que medida a sua análise da sociedade de então se assemelha à de Han.

3 O INDIVÍDUO INTUITIVO SEGUNDO FRIEDRICH NIETZSCHE

Ao considerar o silêncio como a ausência da palavra e não meramente a ausência de barulho integramos a ideia defendida por Nietzsche consistente na revitalização da denominada vida contemplativa como uma forma de aprimoramento pessoal, ao ressaltar como a virtude humana que mais se destaca é justamente aquela consistente no cultivo de si mesmo.

Em sua obra *Humano, demasiado humano*, publicada em 1878, o filósofo alemão começa a escrever em forma de aforismos, que constituem sentenças breves, mas que demandam certo tempo de reflexão para a compreensão do seu significado próprio.

De acordo com a filosofia de Nietzsche, ao valorizarmos tão somente a inquietude de agir, a vida humana acabaria justamente porque estaríamos expulsando dela o seu viés contemplativo, o que culminaria em um resultado desastroso diante do agir acelerado do ser humano.

Para Nietzsche, a modernidade reflete uma época dotada de decadência não apenas da vida, mas também da cultura, é o que verificamos quando ele faz sua reflexão, ao dizer compreender que por ausência de repouso, a nossa civilização caminharia para uma espécie de nova barbárie, diante do valor dado à inquietude da existência, o que não havia ocorrido em nenhuma outra época.

Ao questionarmos se a atitude humana de desacelerar é realmente necessária ou possível na atual sociedade de desempenho como vimos anteriormente, ante o próprio comportamento dos indivíduos modernos realizarem a autocobrança exacerbada por si sós, seja na *psique*, seja em seu estilo de vida, de modo a existir uma necessidade de sermos continuamente mais produtivos em todos os aspectos.

De fato, observamos que ao se adotar uma atitude que seja mais cautelosa e independente na vida moderna, geralmente é encarada como um ponto de vista que desvaloriza tal comportamento justamente por se contrapor a um sistema que não admite atuação com liberdade, sobretudo de forma mecanicista como se não pudesse perder sequer um segundo do tempo.

A filosofia de Nietzsche já enxergava que o indivíduo, com o desenvolvimento da possui uma característica de desejar ilimitadamente o conhecimento, de modo a se

relegar a segundo plano o viés prático da vida, além de se notar também a ausência de limites, por privilegiar uma atitude cada vez mais hiperprodutiva.

Em sua obra *Aurora*, publicada em 1881, Nietzsche reflete acerca das comparações realizadas entre a vida ativa e a chamada vida contemplativa, a qual se origina exatamente pelo retrocesso das forças plenas que possibilitam ao indivíduo agir em seu dia a dia de acordo tão somente com suas ideias, de modo a emergir um novo ideal de si diante do outro e da sociedade.

Nesta obra, o filósofo já recomenda que a sua leitura seja realizada paulatinamente a fim de que o leitor tenha tempo necessário para que possa refletir de forma detida sobre o significado das mensagens que ele passava com a leitura dos aforismos.

De fato, o autor nos fez refletir sobre o que o homem quer ser, ou seja, ser ele próprio, o que implica um novo despertar, uma nova forma de pensar e de agir para se ter uma verdadeira vida diante do novo tempo que se desenha ante a emancipação da razão frente à moral, ao criar novos valores justamente por essa nova visão de mundo, com potencialidade de desmistificar significados sociais instituídos pela tradição.

Já em seu Aforismo 41, o autor traz a ideia paradoxal do ser humano frente a sua existência humana e sua atividade laborativa como o elemento que o distancia de sua essência, ao expressar que o trabalho realizado pelos homens, no momento em que o faziam por dinheiro e abriam mão do prazer, ao verem a ação como um meio e não um fim, exceto os que são contemplativos como os artistas.

PARA DETERMINAR O VALOR DA VIDA CONTEMPLATIVA – Aforismo 41: Não esqueçamos, sendo homens da vida contemplativa, de que gênero foram as desgraças e as maldições que atingiram os homens da vida ativa por meio dos diferentes contragolpes da contemplação — numa palavra, que conta a vida ativa teria de nos apresentar, a nós que nos vangloriamos com todo o orgulho de nossos benefícios. Em primeiro lugar, ela nos oporia: as naturezas ditas religiosas que, por seu número, predominam entre os contemplativos e representam, por conseguinte, a espécie mais corrente; [...] os artistas, uma espécie de homens da vida contemplativa mais rara que a religiosa, mas ainda bastante freqüente; [...] os filósofos, uma espécie em que se encontram reunidas forças religiosas e artísticas, mas de tal modo que um terceiro elemento pode ser acrescentado, o dialético, o prazer de discutir; estiveram na origem dos mesmos males como os religiosos e os artistas e, além disso por causa de sua inclinação dialética, produziram o aborrecimento em muita gente; seu número, contudo, foi sempre reduzido. [...] Em quarto lugar: os pensadores e os trabalhadores científicos; raramente procuraram produzir efeitos, contentando-se em

escavar silenciosamente suas tocas de toupeira, o que os levou a suscitar pouco aborrecimento e prazer. (NIETZSCHE, 2004, p. 52-53).

Da mesma forma, verificamos em algumas reflexões práticas de Nietzsche como a contida no Aforismo 42 de Aurora, no qual ele expõe expressamente a ideia do indivíduo ser pouco ativo, cansado da ação e até melancólico poder se transformar em um pensador e dotado de poder de criação de novos costumes:

ORIGEM DA VIDA CONTEMPLATIVA – Aforismo 42: Durante as épocas bárbaras, quando reinam os juízos pessimistas sobre o homem e o mundo, o indivíduo se aplica sempre, confiando na plenitude de sua força, a agir em conformidade com esses juízos, isto é, a colocar as idéias em ação [...] Todas as produções de seu espírito vão refletir necessariamente seu estado, quer dizer, um aumento de seu temor e de sua fadiga, uma diminuição de sua estima pela ação e pela alegria; será necessário que o conteúdo dessas produções corresponda ao estado de alma poético, imaginativo e sacerdotal: o juízo desfavorável deve predominar. Mais tarde todos os que passaram a fazer de uma forma contínua o que outrora o indivíduo só fazia por disposição, aqueles, pois, que emitiam juízos desfavoráveis, viviam na melancolia e permaneciam pobres em ações e foram chamados poetas, pensadores, padres ou “milagreiros”: – por que não atuavam suficientemente, de boa vontade teriam sido desprezados ou até expulsos da comunidade tais homens; mas havia nisso um perigo – eles tinham seguido as pegadas da superstição e as pegadas do poder divino, pelo que não havia dúvida de que possuíssem meios de ação provenientes de forças desconhecidas. Nessa estima é que se encontravam as mais antigas gerações de naturezas contemplativas – desprezadas na medida em que não despertavam temor. É sob essa forma disfarçada, sob esse aspecto duvidoso, com um coração mau e um espírito muitas vezes atormentado, que a contemplação fez sua primeira aparição na terra, desprezada em segredo e publicamente coberta de sinais de um respeito supersticioso! Aqui se deve dizer como sempre: *puđenda origo!* (NIETZSCHE, 2004, p. 54-55).

Quando Nietzsche considera que geralmente os homens ativos são carentes na atividade superior, ele aduz que nesse sentido são tidos como preguiçosos. Ante o teor dos aforismos acima, ao cogitarmos uma vida contemplativa, o que, inicialmente, nos vem à tona são as imagens, seja de um indivíduo religioso, um artista, um filósofo e um cientista, cada um com sua forma própria de encarar uma contemplação que os diferencia diante de seus ideais a serem alcançados.

A filosofia nietzschiana defende a indispensabilidade da contemplação por parte do pensador a fim de que o indivíduo não corra o risco de perder sua capacidade de reflexão, de criação e de promoção de cultura, conforme o seguinte trecho do Aforismo 43:

QUANTAS FORÇAS O PENSADOR DEVE HOJE REUNIR NELE – Aforismo 43: Tornar-se estranho às considerações dos sentidos, elevar-se até a abstração – outrora isso era considerado como uma verdadeira elevação: mas não podemos mais ter as mesmas opiniões. [...] O pensador tem necessidade de imaginação, do impulso, da abstração, da espiritualização, do sentido invertido, do pressentimento, da indução, da dialética, da dedução, da crítica, da reunião de materiais, do pensamento impessoal, da contemplação e da síntese, e não menos da justiça e dos erros em relação a tudo que existe – mas na história da vida contemplativa, todos esses meios foram considerados separadamente, como objetivo e como objeto supremo, e proporcionaram a seus inventores essa felicidade que enche a alma humana, quando é iluminada com o brilho de um objeto supremo. (NIETZSCHE, 2004, p. 55-56).

Da mesma forma, nos Aforismos 171, 173, 206 e 218, Nietzsche retrata a “sociedade da máquina”, ao realizar a análise dos operários das fábricas que eram os antigos escravos que passam a ser ressignificados como se virtuosa fosse a nova exploração, por se dar valor existencial e social alheio à condição humana, de modo a gerar a perda da interioridade e autonomia do indivíduo.

A ALIMENTAÇÃO DO HOMEM MODERNO – Aforismo 171: O homem moderno se dedica a digerir muitas coisas e mesmo a digerir quase tudo — essa é a vaidade típica dele: mas seria de uma espécie superior se, justamente, não se dedicasse a isso: o *homo pamphagus* não é o que há de mais renado. Nós vivemos entre um passado, que tinha um gosto mais delirante e bizarro que o nosso, e um futuro, que talvez terá um gosto mais seletivo — vivemos demasiadamente no meio-termo [...].”

OS APOLOGISTAS DO TRABALHO – Aforismo 173: De fato, o trabalho usa a força nervosa em proporções extraordinárias e a subtrai à reflexão, à meditação, aos sonhos, aos desejos, ao amor e ao ódio, coloca sempre diante dos olhos um objetivo mesquinho e assegura satisfações fáceis e regulares. Assim, uma sociedade em que se trabalha sem cessar duramente terá maior segurança: e é a segurança que hoje se adora como divindade suprema. — E aí está (ó horror!) justamente o “trabalhador” que se tornou perigoso! Os “indivíduos perigosos” formigam! E atrás deles está o perigo dos perigos — o *individuum!*

A IMPOSSÍVEL CLASSE – Aforismo 206: Pobre, alegre e independente! — essas qualidades podem estar reunidas numa única pessoa; pobre, alegre e escravo! — isso também é possível — e eu não poderia dizer nada de melhor aos operários escravos das fábricas: supondo que isso não lhes pareça em geral como uma vergonha de serem utilizados, quando isso ocorre, como o parafuso de uma máquina e de algum modo como tapa-buraco do espírito inventivo dos homens. Com os diabos acreditar que, por um salário mais elevado, o que há de essencial em sua desgraça, isto é, sua subserviência impessoal, pudesse ser supresso! Com os diabos deixar-se convencer que, por um aumento dessa impessoalidade no meio das engrenagens de uma nova sociedade, a vergonha do escravo pudesse ser transformada em virtude! Com os diabos ter um preço mediante o qual

se deixa de ser uma pessoa para passar a ser uma engrenagem! Vocês são cúmplices da loucura atual das nações que não pensam senão em produzir muito e em enriquecer o mais possível?

AGIR COMO ARTISTA COM AS PRÓPRIAS FRAQUEZAS – Aforismo 218: Se é absolutamente necessário que tenhamos fraquezas e que tenhamos também de reconhecê-las como leis acima de nós, desejo a cada um suficientes capacidades artísticas para saber dar relevo a suas virtudes por meio de suas fraquezas, de modo a nos tornar, por suas fraquezas, ávidos de suas virtudes: foi o que os grandes músicos souberam fazer num grau tão excepcional. Há com frequência na música de Beethoven um tom grosseiro, presumido, impaciente; em Mozart, uma jovialidade de homem honesto, cujo coração e espírito devem contentar-se; em Richard Wagner, uma inquietude fugaz e insinuante, em que o paciente está a ponto de perder seu bom humor: mas é então que o compositor retoma sua força, como os primeiros. Todos criaram em nós, por suas fraquezas, uma fome devoradora de suas virtudes e tornaram nosso paladar dez vezes mais sensível a cada gota de espírito sonoro, de beleza sonora, de bondade sonora. (NIETZSCHE, 2004, p. 161,163, 193 e 207-208).

Em nossa pesquisa, observamos também na obra *Assim falava Zaratustra*, publicada em 1883, que marca o período da maturidade do filósofo Nietzsche, ao reafirmar a defesa da vida contemplativa por meio de sua linguagem poética, de modo a criticar de forma veemente os valores ocidentais, ao buscar a quebra de valores morais por meio da recusa dos ideais do homem moderno, o que o faz por meio de uma linguagem poética quase mítica e com muitas parábolas.

Com efeito, quando o autor descreve o fato de que o personagem Zaratustra⁴ se aproveitou do seu isolamento na montanha, com seu próprio espírito, sem qualquer cansaço, a fim de refletir sobre a vida, bem como desenvolver sua filosofia, o autor evidencia a sua intenção de criar novos valores.

É o que podemos observar dos seguintes trechos dessa obra:

Quando Zaratustra completou trinta anos, abandonou sua pátria, e foi para a montanha. Ali, durante dez anos, alimentou-se de seu espírito e de sua solidão, sem deles se fatigar. (Primeira Parte – Preâmbulo de Zaratustra I – p. 8). “Quantos homens sabem observar? E entre os poucos que o sabem – quantos observam a si próprios? Cada um é para si próprio o mais distante. (NIETZSCHE, 2006, p. 190).

⁴ Vós vos perguntastes muitas vezes: ‘Quem é Zaratustra para nós? Como devemos chamá-lo? E, tal como eu mesmo, vos destes perguntas como respostas/ É ele um prometedor? Ou um cumpridor? Um conquistador? Ou um herdeiro? Um outono? Ou uma relha de arado? Um médico? Ou um convalescido?/ É ele um poeta? Ou um homem veraz? Um libertador? Ou um domado? Um bom? Ou um mau?’ (NIETZSCHE, *Assim Falou Zaratustra*, Da redenção).

O pensador alemão narrou que o personagem Zaratustra encontrou inspiração e energia em sua própria mente, bem como em meio à solidão da montanha, sem se cansar desse isolamento, de modo a se dedicar inteiramente à sua reflexão e filosofia, sem que tenha havido distração de sua parte ou desgaste com outras atividades ou pessoas.

Assim, segundo a filosofia nietzschiana, não se pode deixar de valorizar a intuição em detrimento da razão, o que evidencia a importância dada aos momentos introspectivos e à busca por um significado pessoal, independentemente do que a sociedade ou a cultura possam tentar impor.

Da mesma forma, Nietzsche expõe seu modelo do chamado “super-homem”, no sentido de constituir uma vontade de poder, com criação de uma nova ordem de valores, vez que é o homem que vai além do homem, de modo a reavaliar velhos ideais ou até criar novos e, para tal, ele necessita de tempo livre não só para o repouso, mas também para praticar o silêncio, contrariamente, à uma vida acelerada.

Todos vós, que amais o trabalho selvagem e o rápido, o novo, o estranho, suportai-vos mal a vós mesmos, a vossa diligência é fuga e vontade de esquecimento do vosso próprio ser. Se acreditásseis mais na vida, lançar-vos-feis menos no instante. Mas não tendes em vós conteúdo bastante para a espera – e nem sequer a preguiça!
 Não falta um pouco de prazer para o dia e um pouco de prazer para a noite; mas respeita-se a saúde. “Descobrimos a felicidade” — dizem os últimos homens — e reviram os olhos. (NIETZSCHE, *Assim falava Zaratustra*, Capítulo V).

Em contrapartida, Nietzsche retrata a imagem do último homem que seria uma espécie humana cansada da vida por não almejar nada para além de preservar sua própria vida, sem vontade de se superar, mas tão somente viver sem qualquer sofrimento, ao maximizar seu bem-estar, o que representaria a pequenez humana e que surgem na fala de Zaratustra como uma antítese do chamado super-homem.

E Zaratustra falava assim ao povo: “É tempo que o homem tenha um objetivo. É tempo que o homem cultive o germe da sua mais elevada esperança. O seu solo é ainda bastante rico, mas será pobre, e nele já não poderá medrar nenhuma árvore alta. Ai! Aproxima-se o tempo em que o homem já não lançará por sobre o homem a seta do seu ardente desejo e em que as cordas do seu arco já não poderão vibrar. Eu vos digo: é preciso ter um caos dentro de si para dar à luz uma estrela cintilante. Eu vos digo: tendes ainda um caos dentro de vós outros. Ai! Aproxima-se o tempo em que o homem já não dará a luz às estrelas; aproxima-se o tempo do mais

desprezível dos homens, do que já se não pode desprezar a si mesmo. Olhai! Eu vos mostro o último homem. Que vem a ser isso de amor, de criação, de ardente desejo, de estrela? — pergunta o último homem, revirando os olhos. A terra tornar-se-á então pequena, e sobre ela andarão aos pulos o último homem, que tudo apouca. A sua raça é indestrutível como a da pulga; o último homem é o que vive mais tempo. “Descobrimos a felicidade” — dizem os últimos homens, e piscam os olhos. [...]”. (NIETZSCHE, *Assim falava Zaratustra*, Capítulo V).

Podemos entender que a ideia de afirmação da vida trazida por Nietzsche envolve o questionamento de qualquer ideologia que a restrinja, de modo a estimular a reflexão acerca do sentido da existência humana, é o que observamos da análise do seguinte trecho:

Na verdade, Zaratustra fez hoje uma boa pesca! Não alcançou um homem, mas um cadáver! Coisa para nos preocupar é a vida humana, e sempre vazia de sentido: um trovão lhe pode ser fatal! Quero ensinar aos homens o sentido da sua existência, que é o Super-homem, o relâmpago que brota da sombria nuvem homem. Estou, porém, longe deles, e o meu sentido nada diz aos seus sentidos. Para os homens sou uma coisa intermediária entre o doido e o cadáver. Escura é a noite, escuros são os caminhos de Zaratustra. Vem, companheiro frio e rígido! Levar-te-ei ao sítio onde por minha mão te enterrarei. (NIETZSCHE, *Assim falava Zaratustra*, Capítulo VII).

A reflexão de si mesmo por parte do ser humano foi abordada por Zaratustra, de modo a ser geradora de uma alegria indescritível diante dessa possibilidade de contemplação da vida. Nas palavras do autor:

Zaratustra dormiu muito tempo e por ele passou não só a aurora, mas toda a manhã. Por fim abriu os olhos, e olhou admirado no meio do bosque e do silêncio; admirado olhou para dentro de si mesmo. Ergueu-se precipitado, como navegante que de súbito avista terra, e soltou um grito de alegria porque vira uma verdade nova. E falou deste modo ao seu coração: “Um raio de luz me atravessa a alma: preciso de companheiros, mas vivos, e não de companheiros mortos e cadáveres, que levo para onde quero. Preciso de companheiros, mas vivos, que me sigam — porque desejem seguir-se a si mesmos — para onde quer que eu vá. Um raio de luz me atravessa a alma: não é à multidão que Zaratustra deve falar, mas a companheiros! Zaratustra não deve ser pastor e cão de um rebanho! Para apartar muitos do rebanho, foi para isso que vim. (NIETZSCHE, *Assim falava Zaratustra*, Capítulo IX)

Notamos que o silêncio representa o modo de ser que foi escolhido por Nietzsche como sua destinação e autodeterminação, como um exercício imediato no qual o espírito possa se tornar livre, ao se tornar a si mesmo, por abrir mão da palavra e se entregar ao que não é dito, no entanto é vivido. Zaratustra denuncia que os efeitos do barulho lhe tornam um indesejado, é o que podemos verificar neste trecho da obra:

Ó solidão! Ó solidão, minha pátria! Tempo demais selvagememente vivi em selvagens terras estranhas, para não regressar sem lágrimas. [...] Ó Zaratustra, eu sei de tudo: e que, no meio de muitos, estavas mais abandonado, mais só, do que algum dia estiveste comigo! Uma coisa é o abandono, outra, a solidão – Isto aprendeste agora! E que, no meio dos homens, sempre hás de ser um selvagem e um estranho [...] Abrem-se aqui, diante de mim, todas as palavras e o escrínio de palavras do ser: todo o ser quer tornar-se, aqui, palavra, todo o devir quer que eu lhe ensine a falar. Lá embaixo, porém – todo o discurso é inútil. Esquecer e passar além é, por lá, a melhor sabedoria: isto – agora aprendi! Já respirar, não suporto, o ar que eles respiram; ah, como pude viver tanto tempo em meio ao seu clamor e seu mau hálito. Ó bem-aventurado silêncio que me envolve! Ó puros eflúvios ao meu redor! [...] Mas, lá embaixo – tudo fala e nada é ouvido. Pode alguém repicar com sinos a sua sabedoria: os merceiros na feira lhe cobrirão o som com o tinir das moedas! Tudo, entre eles, fala, nada se realiza a contento. Tudo cacareja, mas quem quer, ainda, ficar quieto no ninho chocando ovos? (ZA, O regresso)

E assim, apenas no silêncio pode emergir a possibilidade da transcendência uma vez que, por meio dele, o ser humano pode se deixar ser escutado em si próprio, de modo que a chamada presença se configura em ausência, ao gerar uma experiência de autoafirmação, contrariamente ao barulho que é improdutivo e preenche a vida moderna de afetação.

Com efeito, Nietzsche retrata que, no caminho do personagem Zaratustra, mesmo estando cheio de pedras, ele superou a si mesmo, vindo a se tornar um verdadeiro homem superior, e ao ter seu querer livre de todo ressentimento, ou sentimento de culpa ou até mesmo negação, acaba por assumir de forma plena o real sentido da vida em sua plenitude, tanto as ambiguidades quanto em seus aspectos mais trágicos.

Notamos que a questão da temporalidade da vida humana em Nietzsche merece destaque, pois ao se estabelecer uma relação entre o “além-do-homem” e o eterno retorno, dentro desta ótica do tempo e da existência da vida humana que é na sua essência temporal, de modo que tais conceitos adquirem um sentido existencial extremamente relevante.

Dentro da ideia do eterno retorno está implícita a intenção do filósofo alemão sobre a sua concepção de *amor fati*, ou seja, amor pelo inevitável ou quem sabe pela fatalidade e não ao que virá seja em outra vida ou em outro mundo, como ele retrata no seguinte trecho:

Para os que pensam como nós, todas as coisas dançam; vêm e dão-se a mão e riem e fogem – e voltam. Tudo vai, tudo volta; eternamente roda a roda do ser. Tudo morre, tudo refloresce; eternamente transcorre o ano do ser. Tudo se rompe, tudo se recompõe; eternamente se constrói a mesma casa do ser. Tudo se despede, tudo volta a saudar-se; eternamente fiel a si mesmo permanece o anel do ser. (NIETZSCHE, *Za/ZA*, "O convalescente" 2, KSA 4.272s).

Com isso, Nietzsche nos convida a refletir sobre o fato de que a existência humana se dá absolutamente no tempo o qual se constitui o próprio horizonte da nossa própria existência humana, sendo que o tempo possui uma espécie de vetor que a sua passagem, de modo que a impermanência e a consistência do tempo frente à impossibilidade de se modificar o que já se passou durante a vida.

Assim, segundo o pensamento nietzschiano, nossa vontade humana não pode fazer absolutamente nada contra o passar do tempo e contra esta dimensão do que se foi, ou seja, do passado, do que ficou para trás do decurso do tempo, tudo a constituir uma prova irrefutável da nossa impotência frente ao tempo, o que acaba por se tornar o drama fundamental da vida.

Ao imaginarmos a relação da temporalidade, nossa vida adquire consistência e vulnerabilidade de forma simultânea, por pensarmos no tempo em suas três dimensões, o passado que é o presente que não é mais, o futuro é o presente que ainda não é, e o presente que se torna aquilo que deixa de ser o momento que é, de modo que a experiência dessa impotência da vontade humana da forma mais extrema acaba ocorrendo justamente nessa vivência do tempo.

Na perspectiva de Nietzsche, para se suportar tudo isso sem ter que recorrer a nenhum recurso é o que caracteriza o chamado "além-do-homem", mas o resgate dessa impotência consiste na possibilidade de se desejar também aquilo que já ocorreu dentro dessa relação com o tempo e a própria vida, de modo a viver cada instante de nossa existência humana como se este instante pudesse se repetir eternamente.

O filósofo alemão expõe a necessidade por parte do homem de possuir uma nova atitude perante sua existência que não haja a predominância irrestrita da razão em detrimento dos instintos, e que possa possuir amor à realidade que se apresenta, a fim de aceitar o sofrimento aqui e agora como parte constitutiva da vida, como podemos observar no parágrafo 341 de sua obra *Gaia Ciência*:

O demônio diz: Esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo que é inefavelmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem. (NIETZSCHE, 2001, p. 230).

O pensamento nietzschiano fez emergir uma espécie de nova postura de agir por parte do ser humano, com cultivo de uma atitude dotada de coragem e não apenas esperança perante a sua existência no mundo, tudo para se despertar a reflexão e porque não há uma transformação do seu modo de vida, de sentimentos e de perspectivas, e simultaneamente, por deixar marcada com seus instantes eternos, sem negar o mundo e a vida.

Por fim, quando Zarathustra chega à conclusão de que mesmo diante da finitude da vida ao se aproximar da morte, afirma sem temer: *“Era isso – a vida? Pois muito bem! Outra Vez!* (NIETZSCHE, 2005, p. 370), o que evidencia a ideia nietzschiana de afirmação da vida de uma forma a ser encarada pelo ser humano com disposição e sempre questione a razão.

Quando falamos em finitude existencial, em português, remete-nos a um ditado que diz: “para morrer, basta ter nascido”, e, assim, não podemos deixar de ressaltar o ponto de vista de Martin Heidegger ao abordar a noção de um limite do ser para a morte⁵ a qual deve ser compreendida como uma possibilidade mais extrema e certa e, simultaneamente, indeterminada e irrealizável, de modo a constituir a possibilidade da total impossibilidade do ser mais própria e intransferível, o que revela o domínio da impessoalidade da vida humana.

⁵ “O que se discutiu até agora sobre a morte pode ser formulado em três teses: 1. Ao Dasein, enquanto ele é, pertence um ainda-não que ele será – o faltante constante. 2. O chegar-ao-seu-final [Zu-seinem-ende-kommen] do cada vez ainda-não-sendo-no-final [Noch-nicht-zu-Ende-seienden] – a eliminação, conforme-ao-ser, do faltante – tem o caráter do já-não-Dasein [Nichtmehrdaseins]. 3. Para o Dasein de cada vez, o chegar-ao-final contém em si um modo-de-ser pura e simplesmente insubstituível (SZ, § 48, p. 242).

Dessa forma, a finitude temporal da existência humana encerra a chamada infinitude de possibilidades que somente pode se dar no mundo que constitui a abertura que doa as referidas possibilidades de ser, daí que, para Heidegger, existir significa estar lançado em um mundo como um poder-ser que nunca se completa⁶, de modo a ser sempre a caminho de novas possibilidades, mas que tende a fugir de si mesmo e de sua incompletude, ao buscar refúgio na impessoalidade do dia a dia.

Segundo a filosofia nietzschiana, não se deve desprezar as sensações, muito menos a intuição que é repleta de beleza como ocorre com a arte em contraposição ao homem racional⁷ repleto de ilusões diversas, uma vez que o homem intuitivo prioriza sempre a sua própria companhia, mesmo que sofra, mas busca viver sem perder sua essência, ao buscar uma vida autoral significativa.

Assim, quando Nietzsche fala, através de Zaratustra, que “onde podeis intuir, detestais deduzir!”, ele evidencia a relevância da intuição⁸, bem como da necessidade da experiência na vida e da melhor compreensão de nossas próprias realizações, o que somente será possível ao ser contemplativo que não negligencia o saber intuitivo em detrimento do mero saber racional.

Parece-nos, portanto, que o espírito da reflexão nietzschiana se aproxima daquele que atravessa os textos de Byung-Chul Han, apontando também para o esgotamento

⁶ “O adiantar-se abre para a existência, como possibilidade extrema, o dom-de-si, e rompe assim toda rigidez da existência já alcançada em cada caso. Ao adiantar-se, o Dasein se resguarda de vir a se atrasar em relação a si e ao seu poder-ser já entendido e de se tornar “demasiado velho para suas vitórias” (Nietzsche). Livre para as possibilidades mais-próprias e determinadas a partir do final, isto é, entendidas como finitas, o Dasein afasta o perigo de não reconhecer, a partir do seu entendimento finito da existência, as possibilidades de existência dos outros que o superam ou então, por interpretá-las mal, reduzindo-as às suas possibilidades, e assim ele mesmo renuncia à sua existência factual mais-própria” (SZ, § 53, p. 264, grifos do autor).

⁷ “Há épocas em que o homem racional e o homem intuitivo ficam lado a lado, um com medo da intuição, o outro escarnecendo da abstração; este último é tão irracional quanto o primeiro é inartístico. Ambos desejam ter domínio sobre a vida: este sabendo, através de cuidado prévio, prudência, regularidade, enfrentar as principais necessidades, aquele, como “herói eufórico”, não vendo aquelas necessidades e tomando somente a vida disfarçada em aparência e em beleza como real. [...] Enquanto o homem guiado por conceitos e abstrações, através destes, apenas se defende da infelicidade, sem conquistar das abstrações uma felicidade para si, enquanto ele luta para libertar-se o mais possível da dor, o homem intuitivo, em meio a uma civilização, colhe desde logo, já de suas intuições, fora a defesa contra o mal, um constante e torrencial contentamento, entusiasmo, redenção.” (NIETZSCHE, 1999b, p. 60).

⁸ “Quando busco formar a imagem de um leitor perfeito, resulta sempre em um monstro de coração e curiosidade, e também em algo dúctil, astuto, cauteloso, aventureiro e descobridor nato. Por fim: não saberia dizer melhor a quem no fundo me dirijo, do que Zaratustra ao dizer a quem somente contará seu enigma: A vós, ousados tenteadores, tentadores, e a quem se haja uma vez lançado com velas astutas em mares terríveis, – a vós, ébrios de enigmas, alegres crepusculares, cuja alma é atraída com flautas a todo precipício traiçoeiro: – pois não quereis sentir e seguir um fio com mão covarde; e, onde podeis intuir, detestais deduzir... (NIETZSCHE, 2008a, p. 56, citado de Zaratustra, parte III, “Da visão e do enigma”).

dessa sociedade focada apenas no trabalho e na razão e apontando para a vida contemplativa como um modo de viver que seria mais saudável. Visto isso, podemos voltar agora a Han e analisar de que modo seria possível, segundo ele, abrir espaço para elementos da vida contemplativa nos dias de hoje.

4 HAN E A POSSIBILIDADE DE VIDA CONTEMPLATIVA NA SOCIEDADE ATUAL

Como observamos no início do presente trabalho, Han deixou evidenciado que a sociedade do século XXI não é mais uma mera sociedade disciplinar, em que havia sujeitos de obediência, porém, uma sociedade da positividade ou do cansaço, dotada de sujeitos de que visam a ter produtividade, tornando-se empresários de si mesmos.

Existiria alguma alternativa para o cansaço extremo? No entender de Han, o cansaço extremo constitui o fator principal que favorece o surgimento de patologias que afetam tanto a saúde física como a mental e que a possibilidade de uma vida contemplativa seria uma opção de luxo, uma vez que o controle já foi internalizado pelo próprio indivíduo ao se cobrar constantemente a ter um alto desempenho em tudo, como observamos no seguinte trecho:

Quem se entendia no andar e não tolera estar entediado, ficará andando a esmo inquieto, irá se debater ou se afundará nesta ou naquela atividade. Mas quem é tolerante com o tédio, depois de um tempo irá reconhecer que possivelmente é o próprio andar que o entendia. Assim, ele será impulsionado a procurar um movimento totalmente novo. [...] Comparada com o andar linear, reto, a dança, com seus movimentos revolteantes, é um luxo que foge totalmente do princípio do desempenho. (HAN, 2017, p. 35).

Por que estamos descansando em algum momento se podemos estar produzindo bem, mas podemos estar sempre em busca do melhor a cada dia, é o que Han traz à nossa reflexão, necessária sobre esse círculo vicioso na paradoxal existência do indivíduo na modernidade, que se não acompanhar será visto como fruto de falta de esforço e fracassado, de modo que ele seria o único responsável.

Assim, o descanso do corpo e da mente no mundo capitalista que tomou conta da realidade mundial se torna uma via estreita a ser buscada pelo indivíduo a fim de preservar sua saúde, o que representa um desafio a ser superado diante da incapacidade humana de questionamento do império do capital e o desejo de explorar e de enriquecer mais que acende o alerta para qual vida se quer ter ou perdê-la, como

Han nos faz refletir sobre os malefícios de se ter uma vida que seja tão somente baseada em lógica que privilegia o trabalho com a consequente produção de uma forma desenfreada, a gerar o chamado *burnout* que precede o estado depressivo que afeta

especialmente os trabalhadores, a representar uma consequência patológica da autoexploração do indivíduo, o que podemos observar do seguinte trecho da sua obra:

O sujeito de desempenho concorre consigo mesmo e, sob uma coação destrutiva, se vê forçado a superar constantemente a si próprio. Essa autocoação, que se apresenta como liberdade, acaba sendo fatal para ele. O burnout é o resultado da concorrência absoluta. (HAN, 2017, p. 99).

O autor compreende que o aludido sujeito do desempenho pós-moderno seria o indivíduo que se considera livre, no entanto, essa liberdade constitui, na verdade, uma autocoação, sendo este sentimento ocasionado em função das relações de produção do nosso atual modelo do mercado de trabalho.

Segundo o filósofo sul-coreano, o capitalismo é bem eficiente no sentido de que, enquanto os sujeitos se autoexploram, eles paradoxalmente se sentem falsamente livres, mas, na realidade, são escravos da sociedade da positividade.

Dessa forma, o autor nos alerta para essa romantização do trabalho, o que não constitui uma novidade, pois podemos observar principalmente pelo excesso de propagandas, séries e filmes que glorificam o ato de trabalhar, ao se glamourizar a alta performance constantemente em busca de um lucro ilimitado.

Diante dessa visão do autor sobre a realidade de muitos indivíduos no mundo do trabalho, ao debater a exaustão em nossa sociedade capital e tecnológica, ele não deixou de formular, ainda que de forma implícita, críticas às redes sociais e ao mundo digital, em que pese a relação com o mundo virtual constituir um fenômeno intrínseco à nossa existência atual.

Eis um desafio a ser debatido diante da evolução da tecnologia que é praticamente impossível interromper o seu curso contínuo, por ter se tornando um elemento cada vez mais difícil de deixar ou resistir à sua utilização, mesmo diante de posicionamentos que buscam até a extinção breve e necessária das redes sociais ante seus malefícios, ao promoverem o excesso de positividade, sempre com publicações de pessoas apenas felizes diariamente.

E, inclusive, algumas produções do cinema já fazem esse debate, como, por exemplo, o documentário *Privacidade Hackeada* (2019)⁹ disponível na Netflix, que revela

⁹ “Sinopse: Ao descobrir que suas informações pessoais foram hackeadas para criar perfis políticos e influenciar as eleições americanas de 2016, um professor embarca em uma jornada para levar o caso à

em minúcias como o Facebook e a agência Cambridge Analytica se uniram para manipular votos a favor da reeleição do ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, por meio dos dados de 87 milhões de usuários da referida rede social, evidenciando como ocorre a coleta e a comercialização de dados íntimos que oferecemos quando usamos, por exemplo, cartão de crédito, pesquisas na internet e interações nas redes sociais.

O autor defende que as redes sociais evocam o sentimento do narcisismo, vez que enquanto buscamos aquela felicidade ao receber “curtidas”, acabamos nos afundando no próprio ego, de modo que é a partir desse fato que o sujeito do desempenho projeta seu "eu-ideal", que é justamente a nossa versão inalcançável, por idealizar uma vida perfeita e incrível.

Ocorre que, segundo Han, entramos em conflito com o nosso "eu-ideal" em várias situações, pois ele sempre se sentirá como uma espécie de indivíduo fracassado se comparado ao "eu-ideal", o que dará início a uma guerra consigo mesmo, em que a vitória não é vislumbrar como uma possibilidade real tudo se transformar em exaustão.

Diante desse contexto, Han nos aponta para a realidade de que a vida é completamente transitória, de modo que as coisas e as relações humanas possuem uma curta duração e, diante disso, frequentemente, estamos angustiados e hiperativos, desprovidos de quase nenhuma atenção, por exemplo, no dia a dia, paramos de perceber os detalhes à nossa volta, no ambiente em que vivemos.

O filósofo sul-coreano propõe como uma das possíveis saídas para que possamos escapar do caos em que vivemos atualmente a adoção da chamada vida contemplativa, vez que para ele contemplar as coisas constituiria um novo movimento que traria uma nova perspectiva, sendo que esse contemplar pensado por Han resultaria em atitude que se tentasse não ser refém dos estímulos.

Podemos verificar que a filosofia de Han valoriza a convivência humana com a presença do tédio, ou seja, com a negação da ação que não pode anular a vida contemplativa e, inclusive, ele relembra que a filósofa Hannah Arendt não considera a relevância daquela em detrimento da vida ativa¹⁰, principalmente, após o advento da modernidade.

corte, já que a lei norte-americana não protege suas informações digitais, mas a lei britânica sim. Paralelo a isso, uma ex-executiva e uma jornalista ampliam o caso”.

¹⁰ Mais do que uma inversão entre contemplação e ação foi a inversão entre pensar e agir. A contemplação, no sentido original de visão da verdade, foi inteiramente abolida (ARENDR, 2010 p. 363).

Han aduz que Arendt compreende “a sociedade moderna, enquanto sociedade do trabalho, aniquila toda possibilidade de agir, degradando o homem a um *animal laborans* – animal trabalhador, o que leva a uma passividade mortal” (HAN, 2017, p. 41).

De acordo com a pensadora, o fato de que o agir teria suprimido a contemplação, tornando-a submissa a ele, e até sem sentido foi o fato decisivo que culminou no consumismo presente na sociedade moderna. Nas palavras da filósofa:

A eliminação da contemplação do âmbito das atividades humanas significativas promoveu o *homo faber*, o produtor e fabricante, em vez do homem de ação ou do homem como *animal laborans*, à posição mais alta entre as possibilidades humanas. (ARENDR, 2010 p. 381).

Em contrapartida, Han enfatiza que seu ponto de vista contrário ao defendido por Arendt, especialmente, quando se refere às recentes evoluções sociais, é o que podemos observar quando ele reflete sobre o *animal laborans*:

As descrições do *animal laborans* moderno de Arendt não correspondem às observações que podemos fazer na sociedade de desempenho de hoje. O *animal laborans* pós-moderno não abandona sua individualidade ou seu ego para entregar-se pelo trabalho a um processo de vida anônimo da espécie. A sociedade laboral individualizou-se numa sociedade de desempenho e numa sociedade ativa. O *animal laborans* pós-moderno é provido do ego ao ponto de quase dilacerar-se. Ele pode ser tudo, menos ser passivo. Se renunciássemos à sua individualidade fundindo-se completamente no processo da espécie, teríamos pelo menos a serenidade de um animal. Visto com precisão, o *animal laborans* pós-moderno é tudo menos animalesco. É hiperativo e hiperneurótico. Deve-se procurar um outro tipo de resposta à questão que pergunta por que todas as atividades humanas na pós-modernidade decaem para o nível do trabalho; porque, além disso, acabam numa agitação tão nervosa. (HAN, 2017, p. 43-44)

Com efeito, podemos notar que Han valoriza a contemplação como uma autêntica afirmação da potência e que possuiria benefícios por constituir elemento fundamental para o estímulo do desenvolvimento da criatividade humana. Sendo mais livres e percebendo o que está ao nosso redor, o outro e nós mesmos, saberíamos valorizar a vivência do ócio, como uma experiência enriquecedora da natureza humana¹¹.

¹¹ “O mundo perdeu sua alma e sua fala, se tornou desprovido de qualquer som. O alarido da comunicação sufoca o silêncio. A proliferação e massificação das coisas expulsa o vazio. As coisas superpovoam céu e terra. Esse universo-mercadoria não é mais apropriado para se morar. Ele perdeu toda a relação para com o divino, para com o sagrado, com o mistério, com o infinito, com o supremo, com o elevado. Perdemos toda

Desse modo, Han procura evidenciar o valor da contemplação como geradora de uma vontade de criação e de se fazer presente no mundo em contraposição à velocidade da sociedade de desempenho, que pouco ou nada cria e apenas se reproduz, demonstrando aversão ao conhecimento e à cultura. Segundo ele, isso acabará por acarretar um dia a morte de nossa sociedade, com a transformação da vida em algo descartável. E isso é algo que, se possível, gostaríamos de evitar.

a capacidade de admiração. Vivemos numa loja mercantil transparente, onde nós próprios, enquanto clientes transparentes, somos supervisionados e governados. Já é tempo de rompermos com essa casa mercantil. Já é hora de transformar essa casa novamente numa moradia, numa casa de festas, onde valha mesmo a pena viver (HAN, 2017, p. 128).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente estudo procuramos, seja a partir do que já dizia Nietzsche no século XIX, seja pelo que afirma Han atualmente, propor uma reflexão acerca da importância da vida contemplativa e das dificuldades em se praticá-la, especialmente na sociedade capitalista, que valoriza o desempenho e a máxima produtividade por parte dos indivíduos – com alta performance, foco exclusivo no resultado e cumprimento de metas.

Verificamos que Han aponta, na obra *Sociedade do cansaço*, que a vida moderna acabou por naturalizar a cobrança excessiva por sempre ter produtividade e positividade. No entanto, devido a tanta pressão por um perfeccionismo inatingível, a saúde sofre prejuízos que devem ser repensados pelos indivíduos, a fim de não perderem sua identidade humana e se tornarem verdadeiras máquinas. Han nos convida a escutar esse mal-estar da civilização e não fugir ou até mesmo calá-lo.

De fato, a obra *Sociedade do Cansaço* se mostra relevante no aprofundamento desse tema complexo relativo à sociedade do desempenho na atualidade que despreza a vida contemplativa bem como a saúde do indivíduo em sua inteireza, tudo em prol de uma alta performance, eis o alerta evidenciado por Han ao analisar e descrever a sociedade atual a partir do neoliberalismo capitalista moderno.

Verificamos que Nietzsche, nas obras *Humano, demasiado humano*, *Aurora* e *Assim falava Zaratustra*, já refletia acerca da necessidade da preservação da essência humana frente ao desenvolvimento da modernidade, que já privilegiava a aceleração em detrimento da vida contemplativa que, por seu turno, valoriza o tédio, as emoções e os sentimentos.

Notamos que o pensamento do eterno retorno concebido por Nietzsche pretende superar todo niilismo que insiste em não atribuir um valor para o mundo e para a existência. Afastando todo tipo de teleologia e historicismo, esse pensamento nos mostra que não podemos fugir de sermos nós mesmos, de modo a não possuímos tutores que direcionam nossas escolhas, ou seja, devemos seguir apenas e tão somente a nós mesmos.

Vimos que as consequências da perda de autonomia do indivíduo e a alienação econômica e intelectual foram antecipadas por Nietzsche desde o século XIX, pelo surgimento de ações mecânicas e repetidas, sem criatividade, geradoras de cansaço

físico, aceitação irracional da exploração da mão de obra e da inteligência humanas, tudo contrariamente à vida contemplativa, que deve se nortear pelo equilíbrio entre o trabalho e o ócio (que não é a inação passiva).

Eis que assim se evidencia a crítica de Han à sociedade moderna, que se vangloria por sua visão de perda da negatividade por parte dos indivíduos, mas que deve estar consciente de que a falta do ócio leva ao esgotamento dos mesmos e à perda da capacidade contemplativa, ao se tornarem escravos de si mesmos, o que faz desaparecer, conseqüentemente, a autêntica liberdade do ser humano.

O que Nietzsche já defendia em sua filosofia era que a realização do ser humano se dá no próprio ser humano, e que o silêncio e a solidão profunda eram virtudes superiores, a serem buscadas pelo espírito livre. Isso poderia ser uma fórmula contra a inquietude moderna, que estaria transformando a nossa civilização em uma nova barbárie. Assim, deveríamos estar mais atentos para dar espaço à experiência de nossas vidas com a afirmação de nós mesmos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDDT, Hannah. *O que é política?* Trad. R. Guarany. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Trad. Roberto Rapos. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*; Poética/Aristóteles; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Os pensadores; v. 2).

CHAUÍ, Marilena. *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. v. 1. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. *Nietzsche como psicólogo*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002.

GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. *Heidegger urgente: introdução a um novo pensar*. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Trad. de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HEIDEGGER, Martin. *Os conceitos fundamentais da metafísica: mundo, finitude, solidão*. Trad. M. A. Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Trad. de Márcia Sá Cavalcante Shuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche*. Rio de Janeiro: Forense, 2007-8. 2 v.

HUISMAN, D. *Dicionário dos filósofos*. Trad. Cláudio Berliner et al. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. *Obras incompletas*. Seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Nova Cultura, 1999b.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano*. Um livro para espíritos livres. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal*. Prelúdio a uma filosofia do futuro. Trad. de Paulo César de Souza. 2. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

NIETZSCHE, Friedrich. *Aurora: reflexões sobre os pensamentos morais*. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Um livro para todos e para ninguém. 15. ed. Trad. de Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. Tradução de Paulo César Lima de Souza. São Paulo: Cia. das Letras, 2008a.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos, ou, Como se filosofa com o martelo*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.